

Envelhecimento de homens gays brasileiros: Representações sociais acerca da velhice LGBT

Hiago Veras Gomes¹, Ludgleydson Fernandes de Araújo²,
Ana Gabriela Aguiar Trevia Salgado³, Lorena Alves de Jesus⁴,
Luciana Kelly da Silva Fonseca⁵ e Mateus Gilson da Silva Alves⁶

Resumo

O presente estudo objetivou analisar as representações sociais de homens gays brasileiros sobre a velhice LGBT, com base na Teoria das Representações Sociais. Foi utilizada uma entrevista semiestruturada realizada com 101 homens gays residentes de todo o Brasil. Utilizou-se a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e a Análise Prototípica para a análise das representações apreendidas. As representações demonstram palavras como normal, difícil, sozinho e lutar. Os resultados obtidos implicam o possível enraizamento das representações em aspectos negativos da velhice e a negação da sexualidade nessa fase da vida, onde estes reforçam o preconceito e corroboram com a dupla discriminação vivenciada por idosos LGBTs.

Palavras-chave: representações sociais; velhice LGBT; homens gays brasileiros

1 Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPPar), Piauí, Brasil. Email: hiagoveras@hotmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8547-8649>

2 Programa de Pós-Graduação (Stricto Sensu) em Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPPar), Piauí, Brasil. Email: ludgleydson@yahoo.com.br. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4486-7565>

3 Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPPar), Piauí, Brasil. Email: gabrielatrevia@outlook.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-7235-2599>

4 Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPPar), Piauí, Brasil. Email: lorenaalve_s@hotmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-7629-9676>

5 Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPPar), Piauí, Brasil. Email: l.kelly_fonseca@hotmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5588-7006>

6 Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPPar), Piauí, Brasil. Email: mateusegalves@gmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5759-8443>

Aging of Brazilian gay men: Social representations about LGBT old age

Abstract

The present study aimed to analyze the social representations of Brazilian gay men about LGBT old age, based on the Theory of Social Representations. A semi-structured interview was conducted with 101 gay men living in Brazil. The Descending Hierarchical Classification (CHD) and the Prototypic Analysis were used to analyze the seized representations. The representations demonstrate the words like normal, difficult, alone and fighting. The results obtained imply the possible rooting of representations in negative aspects of old age and the denial of sexuality at this stage of life, where they reinforce prejudice and corroborate the double discrimination experienced by elderly LGBT people.

Keywords: social representations; old age LGBT; Brazilian gay men

INTRODUÇÃO

A velhice e o processo de envelhecimento humano são atualmente objetos de estudo de diversas áreas do conhecimento. Diante disso, o envelhecimento enquanto objeto de estudo no campo científico é algo relativamente novo (Silva & Araújo, 2020). O estudo da velhice por muito tempo esteve associado às perdas, declínios e doenças possivelmente experienciadas pelos idosos, todavia, com o aumento da população idosa mundial, esse público – que até então vivenciava a margem do foco científico – se tornou um tema de interesse e necessidade em relação à pesquisas e entendimento em geral (Castro & Camargo, 2017). O aumento significativo no número de idosos em um nível mundial se deu principalmente aos avanços biotecnológicos alcançados até então. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2013, 2015), no Brasil o número de idosos passou de 15,5 milhões em 2001 para 23,5 milhões em 2011, como também se projeta que o país possuirá 73 milhões de idosos em 2060. Desse modo, é preciso ater-se ao fato de que o processo de envelhecimento não se dá de forma homogênea para com todos os indivíduos, sendo um resultado de variáveis sociais, psicológicas e biológicas, que se interrelacionam no decorrer do curso de vida (Castro & Camargo, 2017; Daniel, Antunes, & Amaral, 2015; Menezes et al., 2018).

O entendimento da velhice esteve por muito tempo associado ao declínio, doenças e incapacidades. Desse modo, com intuito de um maior enfoque à tal

fase do ciclo vital, levando em consideração mudanças acerca do paradigma da velhice, a perspectiva *life-span* é elaborada para um maior entendimento em relação ao desenvolvimento humano e envelhecimento. O principal marco da referida perspectiva é a demonstração de que a velhice pode ser uma etapa saudável e funcional, levando em conta os aspectos heterogêneos dos indivíduos, e, assim, buscando romper com as visões antagônicas do passado, como a falta de uma sexualidade nessa fase da vida (Scoralick-Lempke & Barbosa, 2012; Veras & Oliveira, 2018).

A sexualidade, por vezes considerada inexistente na velhice, apresenta-se como um paradigma, denominado por Debert e Brigeiro (2012) de mito da velhice assexual. A ligação entre velhice e declínios corrobora incisivamente com o pensamento de que essa fase do ciclo vital torna o indivíduo dependente e sujeito à submissão e passividade, todavia, pesquisas apontam que a presença da sexualidade nessa idade é de suma importância devido aos aspectos de autonomia, autoeficácia e qualidade de vida do idoso (Henning & Debert, 2015; Vieira, Coutinho, & Saraiva, 2016). Assim sendo, o conhecimento acerca da sexualidade na velhice sob um panorama heteronormativo é considerável, porém, ainda atrelado aos conceitos negativos (Silva & Araújo, 2020). Pensar sobre esse mesmo aspecto em uma perspectiva homoafetiva se configura como mais delicado e, por vezes, inviabilizado.

A velhice LGBT, hoje, ainda se mostra desconhecida, como apontam alguns estudos (Salgado et al., 2017; Solis & Medeiros, 2016). Desconhecimento este que parte da história de vida desses indivíduos, perpassando por suas construções sociais e diretamente ligado ao preconceito, exclusão e invisibilidade enquanto prática e experiência não heterossexual. Desse modo, é preciso repensar no histórico onde a população homoafetiva idosa de hoje teve de se sujeitar a uma repressão e ocultação dos seus desejos, por exemplo a Ditadura Militar no Brasil, o homossexualismo como conceito de doença pela *American Pshychiatric Association*, os primeiros casos de HIV/Aids no mundo, entre outros fatores (Henning, 2013).

A produção científica no que tange ao envelhecimento e a velhice LGBT se mostra uma resposta à invisibilidade, apresentada pela população em geral a respeito dessa fase vital. Por exemplo, em políticas públicas voltadas à população LGBT, ainda não são uma realidade brasileira. Além disso, a prática heteronormativa influi diretamente no sombreamento da velhice LGBT, onde até mesmo alguns autores discorrem que boa parte dos idosos LGBT não revelam sua orientação sexual ou identidade de gênero aos próprios profissionais da saúde por medo da discriminação, ou de um atendimento diferenciado, impactando na qualidade do cuidado (Carlos, Santos, & Araújo, 2020 Salgado et al., 2017; Silva & Ferret, 2019).

O estudo da velhice homoafetiva por muito tempo se ateu aos aspectos negativos, como a depressão e o isolamento social, contribuindo assim para o aumento

dos estigmas e representações negativas acerca da temática (Corrêa-Ribeiro, Abdo, & Camargos, 2016). Nesse sentido, observou-se uma centralidade e enaltecimento da juventude pela própria comunidade. Nos dias atuais, é reconhecível o estudo da velhice LGBT em países da América, todavia, é possível encontrar disparidades perceptivelmente delimitadas nessa população que se constroem durante todo o curso de vida e são levadas até à velhice (Henning, 2017). Desse modo, é perceptível a necessidade de considerar e compreender o que os partícipes da comunidade LGBT representam sobre suas próprias velhices.

A velhice homoafetiva, assim como a velhice heterossexual, é carregada de novos desafios e experiências relacionadas com a experiência do idoso. Todavia, os indivíduos não heterossexuais trilha, na maioria das vezes, o percurso desenvolvimental sob a ótica de preconceito e discriminação. Tais fatores influem diretamente em aspectos de experientiação e vivência plena de suas sexualidades, como também na saúde mental destes indivíduos. Ao analisar estes elementos, é perceptível que o processo de envelhecimento de um homem hétero-cisgênero difere de um homem gay, visto que a sociedade tende a atrelar a homoafetividade à submissão, ao feminino e ao oposto do “ser macho” (Freire & Cardinali, 2012; Lira, 2018).

Buscar entender a velhice LGBT se configura como um desafio constante pelo fato de que é preciso considerar os aspectos múltiplos e heterogêneos dos partícipes dessa população. Desse modo, as diferenças extrapolam o campo de ser hétero ou não, tendo cada partícipe da comunidade LGBT seus aspectos divergentes e convergentes no que tange ao envelhecimento dessa classe. Todavia, é importante ressaltar que quanto mais uma pessoa se distancia do modelo elaborado sociohistoricamente de padrão, mais exclusão e preconceito provavelmente estarão presentes em sua vivência (Araújo & Carlos, 2018).

Abarcar o que se entende por velhice LGBT se mostra necessário pelo contexto atual de violência e discriminação que se apresenta na contemporaneidade. No Brasil, entre 1963 e 2018, 8.027 pessoas foram mortas por decorrência de suas orientações sexuais ou identidade de gênero, sendo esse número constatações de crimes relacionados à sexualidade, pois, muitas vezes, os casos denunciados recaem em outros tipos de delito. O número de denúncias por caso de LGBT-fobia sempre foi expressivo no Brasil, todavia, atualmente esse número vem aumentando, e isso deságua diretamente na necessidade de diretrizes e políticas voltadas a esse público (Sanches, Contarato, & Azevedo, 2018; Sobrinho, 2019). Os dados estatísticos encontrados confirmam o Brasil como um país em que a discriminação e o preconceito às relações não heterossexuais são observáveis. A falta de legislações voltadas ao público LGBT ainda é pobre, e isso pode ser analisado pela tardia criminalização da homofobia e transfobia, em 2019. Tal feito se deu pela intervenção do poder

judiciário, fazendo com que a lei criada em 2001 e reformulada em 2006 – com o PLC 122/2006 – fosse trazida à tona 13 anos depois (Barifouse, 2019).

A análise das representações sociais acerca de fatos sociais, como a velhice LGBT, possui grande valia visto que é um conhecimento elaborado e partilhado socialmente. Os conceitos dos sujeitos, organizados a partir de suas representações, são uma maneira de interpretar e atribuir significados à realidade posta. Alguns estudos utilizam-se desse aporte teórico pela sua significativa eficácia no entendimento das atitudes face ao objeto de representação; assim sendo, estudar as percepções de homens gays acerca da velhice LGBT permite identificar as concepções que estes têm sobre a temática (Moscovici, 2003; Pereira et al., 2019; Salgado et al., 2017).

As representações são derivadas de construtos de conhecimentos, arquitetados e partilhados, sejam eles conceitos, entendimentos, explicação sobre algo, alguém, fato ou objeto. A importância do estudo das representações sociais se dá pelo fato de que estas “guiam” o comportamento dos indivíduos face ao objeto representado, uma forma de preparação para ação (Jodelet, 2001; Moscovici, 1978; Salgado et al. 2017). Diante do exposto, o presente estudo teve como escopo principal analisar as representações acerca da velhice LGBT entre homens gays brasileiros. Segundo alguns estudos (Debert & Brigeiro, 2012; Orel, 2014), a própria população LGBT tende a dar preferência ao novo, em oposição ao que é velho. Ou seja, corroborando com estereótipos típicos da velhice em geral. Desse modo, analisar as representações desse público acerca da velhice LGBT se configura como significativa, principalmente pelo fato de inferir como estes gays pensam sobre suas próprias velhices, como também o significado atribuído a elas.

MÉTODOS

Participantes

A amostra foi composta por 101 homens gays brasileiros, com idade variando entre 18 e 44 anos ($M = 21.70$ e $DP = 3.83$), sendo a maioria solteiros (70.6%) e de ensino superior incompleto (62.7%). Os participantes deviam preencher os critérios de inclusão de: 1) ser maior de 18 anos; 2) residir em território nacional; 3) considerar-se homem gay; e 4) consentir a participação na pesquisa de forma voluntária e anônima.

Instrumentos

Foram utilizados três instrumentos para a realização da pesquisa. O primeiro trata-se de questões sócio-demográficas, com o objetivo de caracterizar a amostra pesquisada, informações como idade, estado civil, orientação sexual e escolaridade foram solicitadas. O segundo trata-se de uma entrevista semiaberta com a finalidade de compreender as representações dos participantes acerca da velhice LGBT, para obter tal objetivo utilizou-se a pergunta norteadora “Como você entende a velhice LGBT?”, onde os participantes poderiam discorrer livremente por meio textual sobre o que foram indagados. O terceiro instrumento utilizado foi um questionário baseado no Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), colocou-se a palavra estímulo “Velhice LGBT” como forma de nortear e apreender palavras dos participantes que se relacionavam às representações sociais destes sobre a velhice LGBT, assim sendo, foram solicitadas cinco palavras aos participantes, derivada da palavra estímulo citada.

Procedimentos

A pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí, Brasil, onde foi aprovada com o parecer nº 1.755.790. Após isso, deu-se início a fase de coleta de dados, realizada via internet, por meio da plataforma Google Formulários, onde os objetivos do estudo eram apresentados, sua importância e a garantia do anonimato e a coleta dos dados de forma voluntária. Assim, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e com as devidas permissões do uso dos dados obtidos por parte dos participantes, foi garantido o sigilo total das informações postas, como aponta a resolução 510/16 do Conselho Nacional da Saúde do Brasil. Por fim, aproximadamente 10 minutos foram necessários para que cada participante concluísse os questionários.

Análise dos dados

Foram utilizados dois softwares para a efetivação das análises. O primeiro, pacote SPSS para Windows versão 23, com o intuito de obter as estatísticas descritivas dos participantes e de caracterizar a presente amostra. Por conseguinte, foi utilizado o software Iramuteq versão 0.7 para a análise dos dados textuais das entrevistas, assim, utilizando-se da análise da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) dos

segmentos de texto para a obtenção das classes, e, logo após, a Análise Prototípica derivada do TALP, com a intenção de avaliar o núcleo central e os sistemas periféricos das representações acerca da velhice LGBT. As análises foram realizadas por meio computacional e com a presença de todos os autores, assim, garantindo uma interpretação mais neutra dos dados tratados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como observado na Figura 1, a análise da Classificação Hierárquica Descendente, realizada pelo *software* Iramuteq, apresentou quatro classes extraídas dos 108 segmentos de texto. As interligações entre as respectivas classes demonstram as conexões e divisões realizadas durante a análise, assim, percebe-se o processo e expressão das classes dentro do estudo (Camargo, 2005). A partir das classes criadas, expõe-se a necessidade de suas devidas nomeações, o que foi realizado a partir das falas e palavras presentes em cada classe.

Classe 1 – Velhice como idade do ciclo vital

A classe 1, formada por 14 unidades de contexto elementar (U.C.E.), representa 22.58% do total e foi nomeada a partir das respostas apresentadas. A presente classe apresenta a ideia de que a idade idosa é uma realidade para todos, independentemente da orientação sexual. Alguns discursos expressivos dentro da classe, seguido por nome fictícios e idade, foram “normal, pessoas envelhecem e a orientação sexual não muda” (Márcio, 21 anos); “normal, assim como a velhice heterossexual” (Rafael, 19 anos); “uma consequência da vida, todos nós iremos envelhecer um dia, porém, acredito que não deve ser fácil e que as dificuldades deverão ser maiores do que quando você é jovem” (Lucas, 21 anos); “Normal, todos nós nascemos para envelhecer” (Marcos, 27 anos).

A classe demonstra afirmações que se assemelham ao que se representa majoritariamente sobre a velhice, e algo que já é colocado como estereotipado. Desse modo, pensar a velhice como uma fase de estagnação, dificultosa e negativa corrobora com a disseminação da ideia de repulsa que muitas pessoas apresentam face a essa fase vital. A perspectiva *life-span* promulga a ideia que vai de encontro ao que fora representado pelos participantes. Dessa forma, a presente ideia permite repensar acerca dos processos de envelhecimento, sendo estes possíveis de vivenciá-los de forma ativa e saudável (Scoralick-Lempke & Barbosa, 2012).

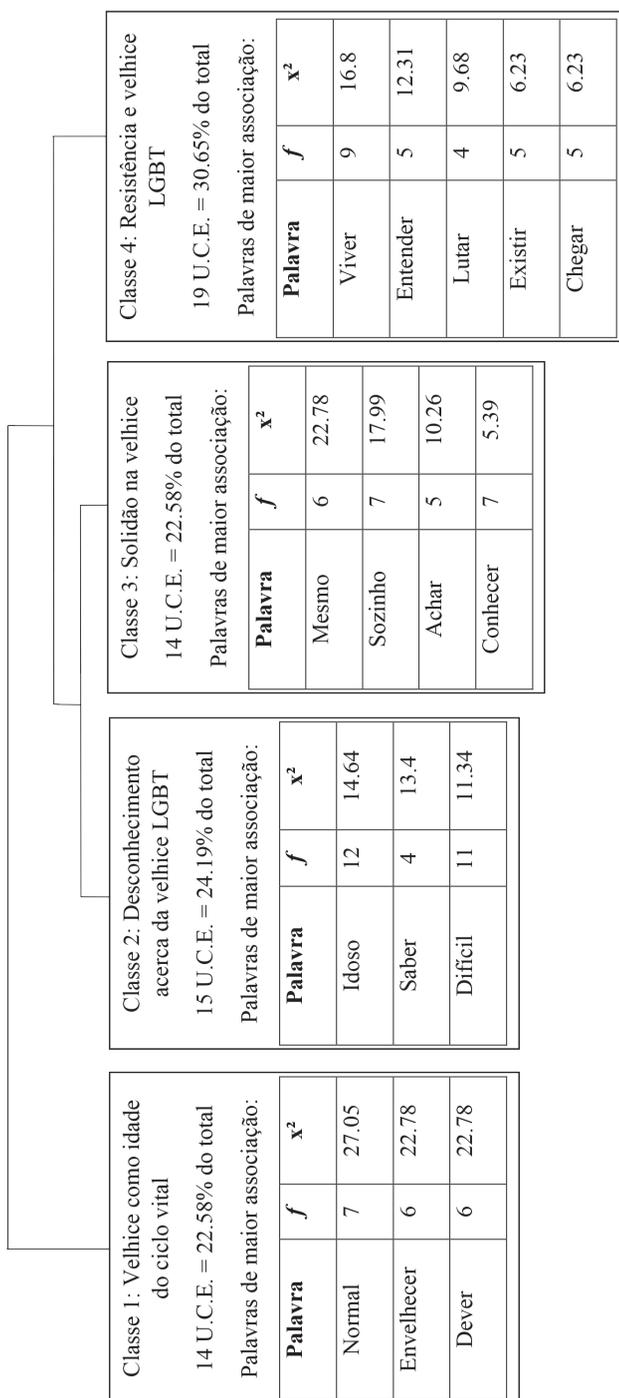


Figura 1. Dendrograma das classes resultantes das Representações Sociais da velhice LGBT.

De fato, a velhice é concebida e atrelada a diversos declínios, principalmente no que tange às questões biológicas do indivíduo. Assim, é necessário entender que o processo de envelhecer mais rápido ou mais lento será pautado no histórico desenvolvimental do sujeito. Destarte, é preciso conceber que a velhice é uma idade singularizada para cada sujeito, nenhuma pessoa cruza o mesmo processo de envelhecimento de outra, assim, a sexualidade é apenas uma das possíveis variáveis, dentro de um leque de possibilidades, que pode diferir o processo de envelhecimento de um indivíduo (Fechine & Trompieri, 2015; Scoralick-Lempke & Barbosa, 2012).

A velhice como sendo representada na presente classe faz-se pensar em uma idade única e homogeneizada para todos os participantes. Pesquisas demonstram que o envelhecimento não heterossexual difere dos demais principalmente quando se retoma questões de altas taxas de depressão, suicídio, estresse internalizado, preconceito, violência, dentre outros fatores que caracterizam a maioria da vivência LGBT (Cortes, Fletcher, Latini, & Kauth, 2019; Henning, 2017).

Além das questões físicas/biológicas, estudos já mostram a baixa nos processos sociais referentes à pessoa idosa. A avaliação da socialização nessa fase é de suma importância, pois, é nesse processo que se busca ofertar ao idoso a continuação de elementos experienciados durante a vida, tais como a autonomia, a vida em sociedade, garantia de subsistência, apoio social e cuidados. Dessa forma, é observável o papel das políticas públicas de saúde no cerne dessa demanda, todavia, é preciso que essa assistência chegue de forma eficaz ao sujeito, para que assim este possa usufruir do tão almejado envelhecimento ativo (Gross et al., 2016; Medeiros, Araújo, Santos, Souza, & Monteiro, 2019; Santos, Batista, Santos, Oliveira, & Barros, 2017).

Classe 2 – Desconhecimento acerca da velhice LGBT

A segunda classe foi nomeada a partir dos discursos apresentados, com o total de 15 U.C.E. e representando 24.19% do total. O tema central tratado pelos segmentos de texto nessa classe versou sobre o desconhecimento da velhice LGBT pelos próprios partícipes dessa população, como também as possíveis dificuldades enfrentadas por estes nessa fase do ciclo vital.

“Não tenho contato com idosos LGBT, acredito que são mais fechados em relação à sexualidade por terem passado por diversas situações de repressão” (Marcos, 27 anos); “Não tenho como me imaginar sendo idoso LGBT” (Flávio, 22 anos); “Algo difícil de se atingir” (Elvis, 21 anos); “Parece ser difícil” (Mauro, 19 anos) são algumas das afirmações presentes nos discursos que compuseram esta classe. É notório, a partir das representações apresentadas, o desconhecimento dessa parcela populacional, visto que até mesmo os partícipes da comunidade LGBT não se enxergam

enquanto futuros idosos. Outras pesquisas já expuseram a condição de negligência à qual os idosos LGBTs são submetidos em vários âmbitos da sociedade. A falta de informação, de representatividade e da forma velada que o assunto é posto são alguns dos fatores que favorecem a forma omissa de se tratar o tema e que pode ser analisada nas falas dos participantes entrevistados (Almeida & Lourenço, 2008; Salgado et al., 2017). Como um dos participantes sugere, é importante ressaltar que de forma verídica os idosos LGBT atuais enfrentaram uma maior repressão e preconceito quanto às suas práticas sexuais. O período histórico vivenciado por estes atores sociais se configurou por muito tempo como uma forma de limpeza social, onde os relacionamentos entre iguais foram violentamente exterminados (Fredriksen-Goldsen, Kim, Shiu, Goldsen, & Emler, 2014).

A falta de visibilidade e representatividade voltada às questões da velhice LGBT podem estar relacionadas com o meio social em que as presentes coortes estão. Uma das características cruciais da sociedade capitalista atual, a qual o mundo está imerso, é o entendimento do novo ser sinônimo de produção, desse modo, associa-se aquilo que não é novo às questões de inutilidade e incapacidade, leia-se aqui os idosos. Assim sendo, tudo aquilo que não produz é colocado à margem, seja do trabalho, da família ou do desejo. Todavia, é necessário entender que a velhice não é condição para a ausência da sexualidade de um indivíduo, ou mesmo um elemento para se colocar estes sujeitos à margem da sociedade. Mas, a presença de uma sexualidade e visibilidade aos atores sociais partícipes da velhice LGBT é um elemento importante para um melhor desenvolvimento nesta fase, como apontam alguns estudos (Carlos, Santos, & Araújo, 2020; Debert & Brigeiro, 2012; Henning, 2014; Orel, 2014; Vieira et al., 2016).

O mito da velhice assexuada também assola o entendimento da velhice LGBT. A repressão voltada às práticas não heterossexuais, como o preconceito vivenciado por essa população ao longo da vida, faz com que haja uma falta de contato e informação sobre essas práticas pelo próprio público. Desse modo, entender que a sexualidade na velhice está para além de apenas atos sexuais, ressignificar o conceito utópico de uma velhice heteronormativa presente atualmente e dar visibilidade às questões recorrentes desse público se mostram como uma resposta ao desconhecido, como postulado pelas falas dos sujeitos (Araújo & Carlos, 2018; Carlos et al., 2020; Debert & Brigeiro, 2012).

A ligação entre as dificuldades pensadas acerca da velhice e da velhice LGBT sugerem uma forte expressão de um preconceito ainda internalizado. A velhice LGBT ainda se mostra como um tabu no que diz respeito à idade cronológica do indivíduo, como também pela sua forma de expressão sexual, que vai de encontro à heteronormatividade empregada na sociedade. Desse modo, a explanação desse tema e dessa referida população nas grandes mídias, na ciência, nas estratégias

governamentais ou em qualquer espaço de observação se caracteriza como um rompimento ao desconhecimento posto tanto pela sociedade em geral, como pelos próprios integrantes da comunidade LGBT, mais precisamente aos homens gays, no qual este escrito se refere.

Classe 3 – Solidão na velhice

A classe 3 representa 22.58% do total e é constituída por 14 U.C.E. Os discursos postos nesta classe comentam sobre a falta de conhecimento dessa velhice – assim como a classe 2, como também a imagem de que a velhice LGBT é arraigada à solidão. Ambas as classes demonstram falas ligadas às possíveis dificuldades vivenciadas por idosos, a ligação entre as duas remetem diretamente este fato. Mesmo que ligada visivelmente à anterior, a presente classe se volta diretamente às questões de solidão nessa fase, algo que foi bastante frisado pelas falas. Falas expressivas dentro da classe foram: “É algo incomum de se ver, e tem muito preconceito até mesmo na comunidade LGBT” (Patrick, 25 anos); “São pessoas sozinhas e depressivas, que sentem muita falta da sua mocidade” (Fabrício, 22 anos); “Acho que a velhice já está relacionada à solidão no meu consciente, para pessoas LGBTs que já são naturalmente preteridas nem se fala” (Victor, 25 anos); “Tenho medo de estar sozinho” (Sílvio, 44 anos).

Denota-se a aproximação entre as afirmações dos entrevistados com as questões de declínios na velhice, principalmente no que tange às relações afetivo-sociais. É observável a ligação entre velhice e finitude, tanto do âmbito biológico, como a morte em si, quanto dos aspectos relacionais, como a rede de apoio social, as relações afetivas, entre outros. Fica claro nos enxertos supracitados a continuação desse pensamento ultrapassado, todavia, é necessário entender que esse tema é algo considerado recente na literatura científica, segundo alguns escritos, esta será a primeira geração que expressará “livremente” sua orientação sexual, e isso realmente é um movimento em constante transformação, por se tratar de um campo recente, problematizado e rico em estigmas (Henning, 2017; Salgado et al., 2017).

A solidão representada nas entrevistas, e muitas vezes experienciada de fato pelos idosos, pode ser consequência de fatores externos ao processo de envelhecimento. Como já supramencionado, tal processo é heterogêneo e resultado de toda uma construção de vida feita pelo sujeito. Estudos apontam que a solidão é mais presente em idosos que possuem nível econômico mais desfavorecido. Já pesquisas atuais apontam que a solidão, de fato, pode ser um medo apresentado pela velhice de modo geral. Esse fato pode ser considerado pela questão principal do declínio

das relações sociais na velhice (Araújo, Silva, & Santos, 2017; Medeiros et al., 2019; Santos, Carlos, Araújo, & Negreiros, 2017).

A solidão experienciada pela população LGBT é mais comum do que se possa imaginar. A presença de uma construção social baseada em maiores níveis de preconceito e isolamento é algo comum entre pessoas não heterossexuais e que impactam diretamente a vida destes sujeitos. Estudos apontam que a população idosa LGBT de fato vivencia mais a solidão do que a população em geral, além disso, apenas um quarto dessa população procriou e muitos extinguiram o contato com a família, recaindo diretamente em uma maior realidade de solidão (Hinrichs & Christie, 2019; Leal & Mendes, 2017; Santos, et al., 2017; Vries, 2015).

A generalização de questões em relação ao processo de envelhecimento para toda a gama de idosos, excluindo todas as suas possíveis particularidades, é palco para a construção de assistências governamentais e representações sociais possivelmente equivocadas pelo desconhecimento. Essas ações focam de maneira pontual em demandas que são partilhadas por um mesmo público, nesse caso a solidão vivenciada por idosos, sejam eles LGBTs ou não. Desse modo, é preciso que exista além da implementação de ações voltadas a essa causa, mas de fato haja um entendimento das especificidades de cada público, para uma efetiva contribuição (Veras & Oliveira, 2018).

Classe 4 – Resistência e velhice LGBT

A última classe, com 19 U.C.E. e sendo a classe mais representativa, comportou 30.65% do total. A presente classe retrata falas associadas ao direito de existir e viver, considerando assim a vida LGBT como uma eterna luta contra o preconceito posto pela sociedade, avaliando a chegada à velhice LGBT como uma conquista. Algumas das falas que foram representativas dentro da classe: “Resistência ao preconceito existe na sociedade, coragem de ser quem é e viver num lugar que nega seus direitos” (João, 20 anos); “Entendo que muitos sofreram e lutaram muito para chegar onde estão” (Matheus, 23 anos); “Lutaram muito por nós no passado” (Maurício, 31 anos); “Uma idade onde a representatividade precisa chegar” (Edgar, 28 anos); “Incomum de se atingir, visto que moramos no país que mais mata LGBTs” (Evandro, 19 anos).

Um LGBT foi morto a cada 20 horas no Brasil em 2018, como também o país é líder no *ranking* das nações que mais matam transexuais e travestis (Bortoni, 2018; Souza, 2019). Desse modo, como os apontamentos dos entrevistados sugerem, lutar deixou de ser uma opção e tornou-se uma necessidade para a sobrevivência de LGBTs. O ódio empregado contra o considerado diferente – que foge aos rótulos –

postos por uma sociedade adoecida e estagnada, gera vítimas fatais, como pode ser observado pelos escritos das autoras supracitadas. Os idosos LGBTs de hoje foram os jovens de um tempo onde a sociedade ainda se apresentava mais ultrapassada do que nos dias atuais. Esse pode ser considerado um forte elemento para que a representatividade idosa LGBT seja mínima, pois, muitos ainda se escondem – ou se esconderam por muito tempo – “dentro do armário” por carregarem em si marcas de um passado intolerante. A visão do partícipe da referida comunidade como alguém solitário, sem futuro ou até mesmo doente pode ser vista nas publicações datadas nas décadas de 1960 e 1970, fazendo com que as pesquisas relacionadas ao público supracitado fossem focadas em perdas, déficits, estigmas e discriminação, assim, disseminando cada vez mais um olhar negligente e apático para com a luta LGBT (Debert & Brigeiro, 2012; Henning, 2017).

O fato de o Brasil se caracterizar como um país LGBTfóbico se relaciona de forma significativa com as questões postas nas classes anteriores, principalmente onde o desconhecimento da velhice LGBT claramente expresso nos conteúdos das falas dos participantes. Questões que atravessam a falta de informação, a falta de representatividade, a luta pela chegada à velhice e o constante ataque contra a existência LGBT são pautas que muitas vezes se tornam veladas aos olhos de quem não sofre com o receio de virar estatística. A educação é a chave mestre para o entendimento daquilo posto como diferente, e o respeito a base para a mudança do cenário atual, levando em consideração os marcadores sociais (Fernandes, 2013).

O fato de que a luta esteja presente nas representações dos sujeitos da presente pesquisa confirma a necessidade de se repensar acerca de arestas sociais que delimitam as práticas não heterossexuais. Todos os dias a vida de LGBTs são ameaçadas, quando não mortas, criando assim um embate socialmente desgastante, o que possivelmente se atrela aos altos índices de depressão, suicídio, entre outras taxas supracitadas. A chegada na velhice LGBT parece ser uma vitória alcançada por poucos, principalmente por travestis e transsexuais, e isso pode estar diretamente ligada à invisibilidade imposta e pelo desconhecimento dado por seus próprios partícipes.

Análise prototípica das representações sociais de homens gays brasileiros

Como forma de complemento à análise da Classificação Hierárquica Descendente, o presente estudo também se utilizou da abordagem estrutural da Teoria das Representações Sociais, mais precisamente a Análise Prototípica. Como forma de melhor compreender o pensamento social acerca da velhice LGBT, a referida análise (Tabela 1) apresenta descrições mais detalhadas a respeito do respectivo tema. A Teoria do Núcleo Central parte da premissa de que toda representação dispõe de

um núcleo central, sendo a parte que mais resistente à mudança, por conseguinte, o conteúdo exposto ao redor do núcleo se caracteriza como elementos periféricos, que possuem uma conversação direta com o núcleo, mas considerados secundários, mais flexíveis e abertos às possíveis mudanças na representação (Polli & Wachelke, 2013; Wachelke & Wolter, 2011).

Tabela 1
Resultados da Análise Prototípica

Palavra	<i>f</i>	OME*	Palavra	<i>F</i>	OME*
	≥ 7	≤ 3		≥ 7	≤ 4
Solidão	45	2.1	Amor	23	3.1
Preconceito	23	2.7	Luta	10	3.1
Medo	15	1.9	Abandono	9	3.4
Dificuldade	15	2.3	Tristeza	7	3.7
Experiência	13	2.5	Família	7	3
Respeito	10	2.8	Resistência	7	2.9
Tabu	7	2.3			
Palavra	<i>f</i>	OME*	Palavra	<i>F</i>	OME*
	≥ 5	≤ 3.7		≥ 4	≤ 3
Liberdade	5	4	Casamento	5	2.4
Aceitação	5	3.4	Exclusão	5	2.4
Felicidade	5	3.2	Incomum	4	2.8
Esperança	5	3	Futuro	4	2
Orgulho	5	3.8			
Força	5	3.2			

Nota. Análise Prototípica com o termo indutor “Velhice LGBT” ($n = 101$). (*) Ordem média das evocações.

A partir da análise dos quadrantes dispostos na Tabela 1 é possível observar a construção do núcleo central (superior esquerda), elementos periféricos da representação (superior direita, inferior esquerda) e a zona de contraste (inferior direita). Para Wachelke e Wolter (2011), o núcleo central é composto por palavras frequentes e prontamente evocadas pelos participantes. Dessa forma, observa-se que o presente núcleo é caracterizado por elementos negativos quanto ao que se representa sobre a velhice LGBT. Tal afirmação pode ser analisada pelas palavras solidão, preconceito, medo, dificuldade, entre outras. Percebe-se a presença do medo da solidão e do preconceito nas falas dos participantes, e confirmadas aqui pela análise atual. O olhar estigmatizado para com a velhice por si só já traz consigo construções

solitárias e dificultosas, imaginar estes fatores em conjunção com aspectos negativos atrelados à vivência LGBT só pode resultar em uma gama maior de preconceitos, discriminação e invisibilidade (Reygan & Henderson, 2019).

De algum modo, a falta de referências e representatividade de jovens LGBTs em relação à vida idosa nesse meio é escassa. Possivelmente, esse fator possa contribuir na edificação da ideia construída de solidão nesse período vital. A velhice, desse modo, é considerada para além de uma categoria social, mas sim algo incerto, causador de medos, carregada de inquietude, angústia e muitas vezes de fraqueza (Daniel et al., 2015). É necessário que cada vez mais exista a desconstrução dessa ideia solitária firmemente enraizada à velhice (Araújo & Carlos, 2018). Essa condição gera outros estigmas negativos como a dependência e inexistência da vida sexual, todavia, é preciso repensar que, como tratado pelo presente escrito, e em consonância com diversos pesquisadores da literatura gerontológica, o processo de envelhecimento não se trata de um roteiro a ser seguido, a experiência vivenciada por cada indivíduo dependerá da construção histórica-pessoal em que este se encontrará (Jesus, Santos, Araújo, Salgado & Fonseca, 2019).

A visualização de uma representação notavelmente negativa se compara a outros estudos envolvendo a velhice LGBT. Assim sendo, é perceptível a presença de elementos acerca deste fato social que se atravessam entre vários públicos estudados, tais como o desconhecimento, o estigma negativo, a presença do preconceito e a invisibilidade (Carlos, Santos, & Araújo, 2020; Jesus et al., 2019; Salgado et al., 2017). Desse modo, é perceptível que as representações acerca da velhice LGBT sejam em sua maioria negativas, o que é um fato interessante, visto que a própria população LGBT está a promulgar esses estereótipos.

As zonas periféricas, como já citadas anteriormente, refletem aspectos secundários da representação. Assim sendo, de acordo com a Tabela 1, é possível observar a presença de elementos mais positivos do que os presentes no núcleo central. De acordo com alguns autores, alguns elementos presentes nas periferias da representação podem vir a compor o núcleo desta. Desse modo, é possível pressupor – de modo otimista – que futuramente seja observável a presença de palavras como amor, família, liberdade, aceitação, esperança, força, entre outras, ocupando o lugar de elementos negativos e estigmatizados que fazem parte atualmente do núcleo central da representação (Abric, 2003; Wachelke & Wolter, 2011).

Ao analisar o contexto geral dos resultados encontrados na presente pesquisa, pode-se perceber a presença de um olhar carregado de paradigmas e estigmas negativos dos próprios homens gays brasileiros em relação às suas velhices e às outras da comunidade LGBT. Mesmo que os resultados da análise prototípica apresentem zonas periféricas positivas e possíveis de constituir o núcleo central, é preciso que haja um maior entendimento acerca da velhice LGBT não apenas pela

própria comunidade, mas sim da sociedade como um todo, pois, com um maior entrosamento e representatividade é que se pode contar com um afastamento do olhar negativo que se presencia na atualidade.

A existência de uma concepção discriminatória e preconceituosa que parte da própria comunidade LGBT em relação aos seus processos de envelhecimento é observável. Tal efeito analisado pode ser possivelmente explicado pela homofobia internalizada. O conceito da homofobia internalizada, para Pereira e Leal (2002), concerne à percepção que todo o LGBT vivencia do seu próprio desenvolvimento, a operacionalização deste conceito é realizada no decorrer do curso de vida, onde os indivíduos vão associando valores negativos em relação ao seu próprio modo de ser, principalmente por uma visão heterossexual imposta. A partir disso, os indivíduos psicologicamente mais vulneráveis enfrentam muitas vezes um possível isolamento emocional, social e cognitivo. Tal fenômeno é considerado como cultural e não universal, pois possui formas distintas em diferentes grupos.

Muitos dos discursos apresentados complementam uma visão de velhice e velhice LGBT que precisam ser superadas. Assim, como Araújo e Carlos (2018) postulam, vários são os desafios para o entendimento da velhice LGBT, tais como a aceitação de ser idoso, ultrapassar a visão de declínios e perdas, o entendimento da sexualidade como necessária e promotora de bem-estar e a criação de políticas que tenham como foco este público. O olhar assexuado e velado dado à velhice LGBT remonta um fértil caminho para a continuação da presença de representações menos fidedignas e mais discriminatórias. O entendimento da velhice como uma fase estagnada em conjunto com a homofobia internalizada nos sujeitos podem sugerir a visão estereotipada e estigmatizada que fora observado nos resultados do presente estudo. Tendo em vista o aparato apresentado, é inegável a necessidade de rompimento com os estigmas cristalizados que cada vez mais corroboram com o sofrimento e invisibilidade dos sujeitos que adentram essa fase desenvolvimental, assim, o rompimento com tais fatores possibilitariam uma maior igualdade e notoriedade, tanto para a velhice heterossexual, como para a comunidade e velhice LGBT.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A velhice se configura atualmente como um campo fértil para a ciência, isso devido ao enfoque dado ao fenômeno de envelhecimento da população mundial, como também às particularidades desses indivíduos. O presente estudo versou sobre a análise das representações sociais dos partícipes da comunidade LGBT acerca de seus respectivos envelhecimentos. Entender como os homens gays representam

a velhice possui um valor significativo, devido ao presente momento histórico de preconceito e discriminação, não apenas voltado ao público LGBT, como também aos idosos. As análises dos resultados atuais demonstram a presença de uma raiz estigmatizada e negativa em relação ao envelhecimento LGBT. A mudança de tais elementos em um futuro próximo é uma conquista a ser almejada, principalmente dentro da própria comunidade, pois, são questões ainda veladas e arraigadas à negligência e preconceitos. As mudanças esperadas sobre os aspectos supracitados carecem não apenas de uma mudança interna, que diz respeito ao núcleo da comunidade, mas sim da sociedade como um todo, com base na representatividade, respeito e educação.

Ademais, é preciso levar em consideração a amostra de participantes da presente investigação, sendo possível estimar as possíveis representações sociais acerca da velhice LGBT, dado que o presente escrito se voltou apenas ao G de toda a sigla LGBT. Todavia, o número da amostra possui suas limitações em generalizações para população total, visto que os participantes foram auto selecionados, o que pode influenciar em uma ampliação dos resultados em níveis macro. Por fim, como as entrevistas foram realizadas de forma *online*, mesmo que atendam à demanda de rápida na propagação de informações dispostas pelo mundo globalizado, é sabido que estas não são uma realidade para todos os públicos, sendo outra questão a ser levada em consideração nesse contexto.

O campo gerontológico LGBT é, assim como o panorama heterossexual, um campo que necessita de atenção, seja nas políticas públicas, diretrizes ou estudos. Desse modo, é notória a relevância de novas pesquisas envolvendo estes públicos, levando em consideração outros contextos e outras amostras. Assim, tal enfoque traz consigo benefícios tanto para a literatura científica, quanto para a mudança no quadro negativo de representações acerca desse público.

REFERÊNCIAS

- Abric, J. C. (2003). La recherche du noyau central et de la zone muette des représentations sociales. In J. C. Abric (Ed.), *Méthodes d'étude des représentations sociales* (pp. 59-80). Ramonville, Saint Agne: Érès.
- Almeida, T., & Lourenço, M. L. (2008). Amor e sexualidade na velhice: Direito nem sempre respeitado. *RBCEH*, 5(1), 130-140.
- Araújo, L. F., & Carlos, K. P. T. (2018). Sexualidade na velhice: Um estudo sobre o envelhecimento LGBT. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 8(1), 218-237. doi: 10.26864/PCS.v8.n1.10
- Araújo, L. F., Silva, R. J. S., & Santos, J. V. D. O. (2017). Resiliência e velhice: Um estudo comparativo entre idosos de diferentes níveis socioeconômicos. *Revista Kairós : Gerontologia*, 20(1), 389. doi: 10.23925/2176-901X.2017v20i1p389-407

- Barifouse, F. (2019, fevereiro 22). STF debate criminalização da homofobia: Saiba o que está em jogo. *BBC News*. Recuperado Junho 23, 2019, de <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924>
- Bortoni, L. (2018, maio 16). Brasil é o país onde mais se assassina homossexuais no mundo. *Senado Federal*. Recuperado Junho 22, 2019, de <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo>
- Camargo, B. V. (2005). ALCESTE: Um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In A. S. P. Moreira, J. C. Jesuíno & B. V. Camargo (Orgs.), *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (pp. 511-539). João Pessoa: EdUFPB.
- Carlos, K. P. T., Santos, J. V. O., & Araújo, F. L. (2020). Representações sociais da velhice LGBT: Estudo comparativo entre universitários de Direito, Pedagogia e Psicologia. In L. F. Araújo & H. S. Silva (Orgs.), *Envelhecimento e velhice LGBT: Práticas e perspectivas biopsicossociais* (pp. 171-184). Campinas: Alínea.
- Castro, A., & Camargo, B. V. (2017). Representações sociais da velhice e do envelhecimento na era digital: Revisão da literatura. *Psicologia em Revista*, 23(3), 882-900. doi: 10.5752/P.1678-9563.2017v23n3p882-900
- Corrêa-Ribeiro, R., Abdo, C. H. N., & Camargos, E. F. (2016). Lésbicas, gays e bissexuais idosos no contexto do envelhecimento. *Geriatrics, Gerontology and Aging*, 10(3), 158-163. doi: 10.5327/Z2447-211520161600023
- Cortes, J. B. A., Fletcher, T., Latini, D., & Kauth, M. (2019). Mental health differences between older and younger lesbian, gay, bisexual, and transgender veterans: Evidence of resilience. *Clinical Gerontologist*, 42(2), 162-171. doi: 10.1080/07317115.2018.1523264
- Daniel, F., Antunes, A., & Amaral, I. (2015). Representações sociais da velhice. *Análise Psicológica*, 33(3), 291-301. doi: 10.14417/ap.972
- Debert, G., & Brigeiro, M. (2012). Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27(80). doi: 10.1590/S0102-69092012000300003
- Fechine, B. R. A., & Trompieri, N. (2015). O processo de envelhecimento: As principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. *InterSciencePlace*, 1(20).
- Fernandes, F. B. M. (2013). Assassinatos de travestis e “país de santo” no Brasil: Homofobia, transfobia e intolerância religiosa. *Saúde em Debate*, 37(98), 485-492. doi: 10.1590/S0103-11042013000300012
- Fredriksen-Goldsen, K. I., Kim, H. J., Shiu, C., Goldsen, J., & Emler, C. A. (2014). Successful aging among LGBT older adults: Physical and mental health-related quality of life by age group. *The Gerontologist*, 55(1), 154-168. doi: 10.1093/geront/gnu081
- Freire, L., & Cardinali, D. (2012). O ódio atrás das grades: Da construção social da discriminação por orientação sexual à criminalização da homofobia. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, (12), 37-63. doi: 10.1590/S1984-64872012000600003
- Gross, C., Pagno, A., Bandeira, V., Kolankiewicz, A., Machado, A., & Berlezi, E. (2016). Apoio social sob a percepção da população idosa. *Salão do Conhecimento*, Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil, 14. Recuperado de <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/6876>
- Henning, C. E. (2013). O panorama heteronormativo sobre a velhice e a literatura que entrelaça homossexualidade, bissexualidade, transgêneros e envelhecimento. *Anais do Congresso Fazendo Gênero*, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, 10. Recuperado de http://www.fg2013.wvc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381508493_ARQUIVO_CarlosEduardoHenning.pdf
- Henning, C. E. (2014). *Paizões, tiozões, e tias e cacuras: Envelhecimento, meia idade, velhice e homoeotismo masculino na cidade de São Paulo*. (Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação

- em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil). Recuperado de http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281147/1/Henning_CarlosEduardo_D.pdf
- Henning, C. E. (2017). Gerontologia LGBT: Velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. *Horizontes Antropológicos*, 23(47), 283-323. doi: 10.1590/s0104-71832017000100010
- Henning, C. E., & Debert, G. C. (2015). Velhice, gênero e sexualidade: Revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. *MAIS60 Estudos sobre envelhecimento*, 26(63), 8-31. Recuperado de https://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/a21b7270-e797-4ccc-a526-9f83f89db9df.pdf
- Hinrichs, K., & Christie, K. M. (2019). Focus on the family: A case example of end-of-life care for an older LGBT veteran. *Clinical Gerontologist*, 42(2), 204-211. doi: 10.1080/07317115.2018.1504848
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2013). *Projeção da população por sexo e idade: Brasil 2000-2060*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2015). *Pesquisa nacional por amostra de domicílios*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Jesus, L. A., Santos, J. V. O., Araújo, L. F., Salgado, A. G. A. T., & Fonseca, L. K. S. (2019). Representações sociais da velhice LGBT entre os profissionais do Programa Estratégia da Família (PEF). *Summa Psicológica*, 16(1), 27-35.
- Jodelet, D. (2001). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- Leal, M. G., & Mendes, M. R. O. (2017). A geração duplamente silenciosa-velhice e homossexualidade. *Revista Portal de Divulgação*, 51, 18-35. Recuperado de: <http://www.portaldoenvelhecimento.com/revistanova/index.php/revistaportal/article/download/642/710>
- Lira, K. F. S. (2018). Envelhecimento da população LGBT: Desafios no Sertão de Pernambuco. *Bagoas - Estudos gays: Gêneros e sexualidades*, 12(18), 141-170.
- Medeiros, E. D., Araújo, L. F., Santos, J. V. O., Souza, T. C., & Monteiro, R. P. (2019). Attitudes towards Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Old Age Scale (EAFV- LGBT): Elaboration and psychometric evidence. *The Spanish Journal of Psychology*, 22(14). doi: 10.1017/sjp.2019.14
- Menezes, J. N. R., Costa, M. P., Iwata, A. C. N., Araujo, P., Oliveira, L. G., Souza, C. G. D., & Fernandes, P. H. P. (2018). A visão do idoso sobre o seu processo de envelhecimento. *Revista Contexto & Saúde*, 18(35), 8-12. doi: 10.21527/2176-7114.2018.35.8-12
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais, investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Orel, N. A. (2014). Investigar as necessidades e preocupações dos adultos idosos, gays, bissexuais e transgêneros: O uso de metodologia qualitativa e quantitativa. *Journal of Homosexuality*, 61(1), 53-78. doi: 10.1080/00918369.2013.835236
- Pereira, A. A., Rocha, M. D. C., Linhares, T. D. S., Filho, E. A. L., Santos, J. V. O., & Araújo, L. F. (2019). Homofobia en el contexto escolar/educacional: Las representaciones sociales de profesores brasileños. *Perspectivas en Psicología*, 16(1), 99-107.
- Pereira, H., & Leal, I. (2002). A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais. *Análise Psicológica*, 1(20), 107-113.
- Polli, G. M., & Wachelke, J. (2013). Confirmação de centralidade das representações sociais pela análise gráfica do questionário de caracterização. *Temas em Psicologia* 21(1), 97-104. Recuperado Junho 24, 2020, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v21n1/v21n1a07.pdf>
- Reygan, F., & Henderson, N. (2019). All bad? Experiences of aging among LGBT elders in South Africa. *The International Journal of Aging and Human Development*, 88(4), 1-17. doi: 10.1177/0091415019836929

- Salgado, A. G. A. T., Araújo, L. F., Santos, J. V. O., Jesus, L. A., Fonseca, L. K. S., & Sampaio, D. S. (2017). Velhice LGBT: Uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. *Ciências Psicológicas*, 11(2) 155. doi: 10.22235/cp.v11i2.1487
- Sanches, D., Contarato, A., & Azevedo, A. L. (2018, maio 12). Dados públicos sobre violência homofóbica no Brasil: 28 anos de combate ao preconceito. *FGV-DAPP*. Recuperado de <http://dapp.fgv.br/dados-publicos-sobre-violencia-homofobica-no-brasil-28-anos-de-combate-ao-preconceito/>
- Santos, E., Batista, C. C., Santos, N. F., Oliveira, R. W., & Barros, A. M. (2017). Grupos de socialização como estratégia de promoção da saúde entre idosos. *Congresso Internacional de Enfermagem*, Aracaju, Sergipe, Brasil, 1. Recuperado 22 Junho, 2019, de <https://eventos.set.edu.br/index.php/cie/article/view/5467>
- Santos, J. V. O., Carlos, K. P. T., Araújo L. F., & Negreiros F. (2017). Compreendendo a velhice LGBT: Uma revisão da literatura. In L. F. de Araújo & C. M. R. G. de Carvalho (Eds.), *Envelhecimento e práticas gerontológicas* (pp. 81-96). Curitiba e Teresina, Brasil: Editora CRV e EDUFPI.
- Scoralick-Lempke, N. N., & Barbosa, A. J. G. (2012). Educação e envelhecimento: Contribuições da perspectiva life-span. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(Suppl. 1), 647-655. doi: 10.1590/S0103-166X2012000500001
- Silva, H. S., & Araújo, L. F. (2020). Velhice LGBT: Apresentação de um panorama de estudos nacionais e internacionais. In L. F. Araújo & H. S. Silva (Orgs.), *Envelhecimento e velhice LGBT: Práticas e perspectivas biopsicossociais* (pp.15-43). Campinas: Alínea.
- Silva, O. A. R., & Ferret, J. C. F. (2019). Os aspectos biopsicossociais do envelhecimento: Um enfoque na sexualidade. *Revista Uningá*, 56(1), 110-117. Recuperado de <http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/148/1864>
- Sobrinho, W. P. (2019, fevereiro 20). Brasil registra uma morte por homofobia a cada 16 horas, aponta relatório. *Uol*. Recuperado Junho 23, 2019, de <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/02/20/brasil-matou-8-mil-lgbt-desde-1963-governo-dificulta-divulgacao-de-dados.htm>
- Solis, V. O., & Medeiros, M. P. (2016). Sexualidade na velhice. *Disciplinarum Scientia| Saúde*, 3(1), 165-180. Recuperado de: <https://www.periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/864/808>
- Souza, S. (2019, janeiro 29). Um LGBT morreu a cada 20 horas no Brasil em 2018. *Uol*. Recuperado de <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2019/01/um-lgbt-morreu-a-cada-20-horas-no-brasil-em-2018-confira-dados-do-relatorio>
- Veras, R. P., & Oliveira, M. (2018). Envelhecer no Brasil: A construção de um modelo de cuidado. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(6), 1929-1936. doi: 10.1590/1413-81232018236.04722018
- Vieira, K. F. L., Coutinho, M. P. L., & Saraiva, E. R. A. (2016). A sexualidade na velhice: Representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 196-209. doi: 10.1590/1982-3703002392013
- Vries, B. (2015). Stigma and LGBT aging: Negative and positive marginality. In N. A. Orel & C. A. Fruhauf (Orgs.), *The lives of LGBT older adults: Understanding challenges and resilience* (pp. 55-72). Washington, DC: American Psychological Association.
- Wachelke, J., & Wolter, R. (2011). Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 521-526. doi: 10.1590/S0102-37722011000400017